

EQUOTERAPIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO EDUCATIVO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

PEREIRA, Bruna Nogueira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ),
brunanogueirap@gmail.com

RAMOS, José Ricardo da Silva, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ),
josericardo63@gmail.com

Resumo: A escolarização inclusiva concerne à escola gerar práticas pedagógicas que podem deliberar processos de ensino/aprendizagem para estudantes com deficiências e/ou necessidades educacionais, incluídos os déficits de comunicação, nos aspectos sociais e comportamentais, com características restritas e estereotípias contíguas no que diz respeito aos estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Este relato de experiência equestre/escolar teve como objetivo compreender e descrever o desenvolvimento da escolarização de um estudante com TEA, no ensino regular, a partir da Equoterapia. Para tanto, o método utilizado foi um estudo de caso de um aluno com TEA, de modo longitudinal, obtido por meio de uma abordagem qualitativa. A análise de dados foi feita a partir da observação sistemática, com relatórios, arquivos escolares, laudos clínicos, apontamentos em diários de campo, recursos audiovisuais e entrevistas com a família e os agentes educacionais. Essa intervenção granjeou ações pedagógicas que cooperaram para o movimento de inclusão escolar do praticante autista, na escola municipal CAIC Paulo Dacorso Filho, localizado em Seropédica/RJ. A descrição e análise das narrativas corpóreas do sujeito em foco observadas em campo foram elucidadas pelos pressupostos da Educação Inclusiva, principalmente, nas ações estabelecidas sobre a função do outro na apropriação da cultura escolar. Os dados comportaram a apreensão de que as estratégias equoterápicas para o desenvolvimento do aluno com TEA na escola fossem organizadas para que o mesmo se apropriasse da cultura escolar. Assim foi possível constatar, a partir da prática equoterápica, as desconstruções das barreiras excludentes, sobretudo relacionadas à escolarização e com isso, buscamos incitar o sucesso escolar do aluno.

Palavras chave: Autismo; Educação Inclusiva; Equoterapia.

Hodiernamente uma das maiores inquietações dos professores da escola básica tem sido como ensinar alunos com necessidades específicas educacionais em suas turmas comuns, uma vez

que isso requer reformulação nas práticas pedagógicas tradicionais. A forma de conceber a educação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem implicações para com a formação de todos os profissionais que atuam com este público na escola. Capelline (2010) assevera que a Educação Inclusiva poderá provocar principalmente dois tipos de reações dos professores: a primeira é a de recusar tais alunos em suas salas, podendo tal recusa ser explícita ou velada. A segunda e, talvez a mais difícil, é de aceitar e buscar melhores práticas. Procurando compreender essa segunda reação explícita acima e como os agentes escolares, em suas práticas pedagógicas tiveram a preocupação de incluir um menino com autismo sem abdicar de um programa de Equoterapia. Assim, começamos a observar as atividades equestres/escolares de Felipe¹ desenvolvidas no Centro de Atenção Integral a Criança e Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho, uma escola pública situada no município de Seropédica, Estado do Rio de Janeiro. A análise dos dados e como foram tratados os diferentes tempos e os espaços escolares do aluno somaram-se as práticas equoterápicas em que os agentes não só contribuíram para a sua inclusão, mas buscaram a permanência e a continuidade do aluno na escola.

Dessa forma, começaremos a descrever a pesquisa registrando os fatos do cotidiano de um aluno-praticante² diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), os relatos de mediadores e professores do projeto pedagógico: “Equoterapia Educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”³, os depoimentos de familiares e entrevistas dirigidas com os. Nosso objetivo, neste projeto é exercer ações pedagógicas de atendimento complementar educativo via a Equoterapia. agentes escolares envolvidos no estudo de caso de um aluno-praticante do Centro de Atenção Integral a criança e o Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho, diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Focamos, desse modo neste relato de experiência, as atividades desenvolvidas pelos agentes escolares que se envolveram pedagogicamente com o Felipe a partir do trabalho colaborativo praticado pela Equoterapia Educacional. Nas narrativas dos nossos interlocutores, arquivos, documentos disponíveis no CAIC, sobre e como foi sendo feita as ações colaborativas agentes.

¹ Nome fictício para o aluno com TEA no relato de experiência.

² O termo aluno-praticante foi por nós definido pela função espacial do projeto da Equoterapia da UFRRJ que está dentro de uma escola aplicação da universidade. Por se tratar de uma Equoterapia Educacional a centralidade do trabalho equoterápico é mais forte no plano da cultura escolar do que clínico.

³ Para atender os alunos com necessidades educativas especiais na escola criou-se uma pedagogia com o nome de Equoterapia Educacional - um método educacional de abordagem interdisciplinar que emprega o cavalo em ações pedagógicas, ou seja, o cavalo como agente promotor do alargamento escolarizado da criança especial.

O processo de inserir um aluno com necessidades educativas especiais no CAIC nos permitiu a aquisição da reflexão pedagógica do como projetar e como criar estratégias de ensino e aprendizagem para esse tipo de aluno. Isso tornou sólido o projeto político pedagógico da escola na ótica inclusiva. Para a escola, toda ação inclusiva faz com os alunos estejam inseridos em uma ordem social em que os mesmos assumam que precisam da ajuda do outro numa determinada situação escolar. Tomando por base essa realidade, Vigotsky (1989, p. 89) retoma a perspectiva histórico-cultural de aluno, dizendo que ser aluno foi e continua sendo uma experiência de trocas, de interações e interlocução com o outro e, ser ajudado agora até conseguir poder fazer algo com independência no futuro:

Todas as funções no desenvolvimento da criança aprecem duas vezes: primeiro, no nível social e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (Vigotsky, 1989, p. 89)

Essa é uma condição social primeiramente da criança, e se dá no social na presença do outro, como parte interativa diferenciada e reconhecida socialmente. A escolarização é uma forma social que vai se desenvolvendo na interação com o outro e vai se construindo coletivamente. “[...] Foi muito difícil para nós fazer com que o Felipe aceitasse a escola. Ele tinha muita resistência no começo. Não foi fácil para nós. O CAIC foi muito importante no seu desenvolvimento com os coleguinhas” (Depoimento da mãe do Felipe. Anedotário de Campo, 2º semestre de 2015)

A ansiedade descrita pela mãe do Felipe por quando nos narrou a respeito dos primeiros momentos do seu filho na escola, é uma proposição do que muitas mães de crianças com TEA sentem quando seus filhos são matriculados na escola comum. É claro que a Constituição Federal Educacional, dá direito a todos e é dever do Estado e da família, promover e incentivar o pleno desenvolvimento da pessoa em condições específicas de aprendizagem. Essa qualidade social é algo inclusivo, pois todas as crianças devem estar na escola, e ter uma escolaridade pública, gratuita e de qualidade é dever de todos.

Esse processo foi fundamental para que o trabalho inclusivo da Equoterapia Educacional partisse para a interlocução com todos os agentes escolares buscando assim atender a especificidade particular desse aluno, olhando as suas dificuldades educacionais a fim de superá-las dentro do contexto escolar.

Nota-se que a Equoterapia Educacional do CAIC Paulo Dacorso Filho atende sujeitos com necessidades educacionais especiais distintas. Acolhe e abrange mais os dados relevantes de um aluno que tem dificuldades de aprender o conteúdo escolar. Sob essa perspectiva entendemos que a Equoterapia Educacional do CAIC Paulo Dacorso Filho compreende a heterogeneidade da escola no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, foram incluídos alunos com diferentes condições internas e peculiaridades distintas no projeto pedagógico da escola.

Os mediadores da Equoterapia e a professora de classe provocavam nas sessões equoterápicas e no cotidiano escolar, chamar o Felipe para situações inclusivas em que os agentes escolares ajudavam na escolarização dele, valorizando assim o seu processo de desenvolvimento como aluno a partir de práticas colaborativas. Criaram nesses tempos/espços uma redefinição de escola, já que ele deixa de ser restrito a um professor restrito a um ambiente só para o Felipe, mas o Felipe vivendo num ambiente inclusivo. Essa colaboração mostra que um trabalho heterogêneo de agentes do ensino regular.

Em relação à sua interação na Equoterapia, compreendemos, no relatório do mediador (Mediador da Equoterapia), que o Felipe era outra criança: participava de todas as atividades, participava da rodinha inclusiva, cantava, brincava, executava todos os comandos, tinha uma boa motricidade “[...] a brincadeira cantada a qual começamos o trabalho equoterápico: ‘Alô, bom dia, como vai você o meu nome é Felipe e o seu? Ele tem sua marca única e exclusiva de correr para frente na hora da sua apresentação. Ele já sabe quem é; tem seu EU descoberto, sabe quem são os coleguinhas. Sabe meu nome e sabe que eu sou o seu mediador principal na Equoterapia. Gosta de ouvir histórias, senta para ouvir, presta atenção. Não é de fazer perguntas, mas se pedirmos para relatar a história, ele sabe. As brincadeiras com gestos ele faz bem e tem ritmo, coordenação motriz fina.” (Mediador da Equoterapia, anedotário de campo).

Essa concepção inclusiva estabelece que a mudança deve ser radical, crucial e necessária. Uma mudança na reformulação de currículos, nas formas de avaliação, nas ações de professores na sua própria práxis. Isso se faz por meio de princípios inclusivos, que buscam abranger a escolarização do aluno com atividades heterogêneas. O cavalo dentro de uma escola é considerado no trabalho escolar, além de uma estratégia lúdica, curiosa e atraente para a criança em condições específicas, tem se concretizado de forma objetiva e coerente para a permanência e a continuidade do Felipe na escola.

Nessa perspectiva, foi que pensamos em incluir um aluno com TEA na escola por meio de uma prática colaborativa que começou via a Equoterapia e das ações pedagógicas que eram necessárias para escolarização do Felipe que foram garantindo sua inclusão no mundo escolar. Uma atividade em que as crianças tentam descrever no papel as partes do corpo do cavalo com ajuda dos mediadores. Identificando as partes do cavalo como o topete, a orelhas, o rabo, os cascos, joelhos, mãos era sempre uma atividade que o Felipe fazia com o grupo. O nosso objetivo neste trabalho era que o cavalo entrasse na agenda escolar pela sua caracterização como agente, seu conceito pedagógico de mediador, que faz parte do cotidiano escolar e faz parte do processo de desenvolvimento do aluno.

REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia. **Apostila do Curso Básico de Equoterapia**. Rio de Janeiro, 2011.

APA (American Psychiatric Association). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-V / [Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL .Lei Federal nº 12.764/2012 – Lei Berenice Piana. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 2010.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Adaptações curriculares na inclusão escolar: contrastes e semelhanças entre dois países**. Curitiba, Apuris, 2010

CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde da **CID-10**. São Paulo: Edusp, 1995.

CRUZ, F. Q. F. **Equoterapia educacional**: um aporte colaborativo na inclusão da criança com transtorno do espectro autista na escola. Dissertação - PPGEA/UFRRJ, 119 f. 2016.

DRAGO, Rogério. **Síndromes**: conhecer, planejar e incluir. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

GLAT, R. (Org). **Educação Inclusiva**: Cultura e cotidiano escolar. 7 Letras: Rio de Janeiro, 2007

MANTOAN, M. T. E. **Ensinando a turma toda** – as diferenças na escola – Pátio – revista pedagógica –ARTMED/Porto Alegre, RS, Ano V, 2002.

RAMOS, J. R. da S. Equoterapia na universidade pública: conquistas e desafios. UFRRJ, 2015.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.